



Universidade Técnica de Lisboa
Faculdade de Motricidade Humana



Relatório Final de Estágio Pedagógico

Relatório Final do Estágio realizado na Escola Básica 2,3
Eugénio dos Santos, com vista à obtenção do Grau de Mestre em
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Presidente:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais:

Doutora Ana Luisa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de
Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexelo Pedro, professora assistente convidada
da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Jardim, docente da Escola Básica
2, 3 Eugénio Santos de Lisboa

Cristina Maria Pereira Cruz

2012

Presidente:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais:

Doutora Ana Luisa Dias Quitério, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexelo Pedro, professora assistente convidada da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa

Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Jardim, docente da Escola Básica 2, 3 Eugénio Santos de Lisboa

Agradecimentos

Este ano de estágio não teria sido possível realizar, sem o auxílio e acompanhamento de algumas pessoas que considero serem merecedoras do meu sincero agradecimento.

Aos meus familiares, pela educação que me deram, pelos princípios e valores que me foram transmitindo ao longo dos anos, e que fizeram de mim o que sou hoje.

Aos meus amigos pela compreensão que sempre demonstraram na minha ausência, em muitos momentos, durante este ano.

Às minhas orientadoras de estágio, professora Manuela Jardim e professora Conceição Pedro, por todo o apoio incondicional, dedicação e orientação prestadas. Por garantirem, sempre, que conseguia, durante este ano, percorrer o caminho que sempre desejei e que portanto me levasse ao sucesso, conseguindo cumprir com êxito todas as etapas de formação.

Aos meus alunos, pela colaboração, simpatia e educação demonstradas. Pelos bons e maus momentos, pois todos eles nos fazem crescer.

Ao meu colega de estágio, Sebastião Sequeira, pela constante disponibilidade e ajuda. Por tudo o que fez para que este ano fosse o mais enriquecedor possível, através da sua constante presença e apoio incondicional.

Por último, mas não menos importante, às funcionárias da escola, que sempre me trataram muitíssimo bem, fazendo com que me sentisse realmente uma professora da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos.

Resumo

O presente relatório tem como objetivo analisar o processo de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, situada na freguesia de S. João de Brito, no ano letivo 2011/2012. O estágio integra o 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, constituindo-se como a preparação para o exercício da função docente. Este processo teve como referência o Guia de Estágio Pedagógico 2011/2012, no qual estão explícitos os objetivos gerais e específicos, relativos a quatro áreas de intervenção: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem (Área 1), Inovação e Investigação Pedagógica (Área 2), Participação na Escola (Área 3) e Relação com a Comunidade (Área 4).

De todas as tarefas realizadas este ano letivo destacam-se o projeto “Atividade Física é Saúde” da Área 2 e 3 e a ação para a comunidade educativa “8 aos 80” referente à Área 4.

Em relação a cada uma destas áreas, é realizada uma reflexão aprofundada sobre as principais dificuldades sentidas, as estratégias utilizadas para a sua superação e todas as contribuições que estas promoveram na melhoria da minha formação individual.

Por último, é realizada uma conclusão acerca de todo o processo de formação que o estágio pedagógico me proporcionou no presente ano letivo.

Palavras-Chave: Escola; Professor; Alunos; Ensino Aprendizagem; Competências; Dificuldades; Estratégias; Produtos; Reflexão; Formação Inicial; Formação Contínua.

Abstract

The present report has the objective of analyze the teaching process developed at Escola Básica 2, 3 Eugénio dos Santos, in S.João de Brito, occurred in the school year of 2011/2012. It's integrated in the second year of the Master of Physical Education in teaching, Basic and Secondary school levels of Faculty of Human Kinetics, as a way to prepare the student for a teaching function. This process used as reference the Teacher Training Guide 2011/2012, in where are explicit the general and specific objectives, related to four areas of intervention: Organization and Management of Teaching and Learning (Area 1), Innovation and Educational Research (Area 2), Participation at School (Area 3) and Relationship with the Community (Area 4).

Of all the tasks performed this school year I highlight the project “Atividade Física é Saúde” of Area 2 and 3 and the educational community action "8 to 80" on the Area 4.

To each one of these areas there will be made a profound reflection about the main difficulties, as well as the strategies used to overcome them and all the contributions that those offered to a better crafting of my personal apprentice and formation.

Finally, is performed a conclusion about the benefit of teaching process provide in my education, in this school year.

Key-words: School; Teacher; Students; Teaching-learning; Skills; Difficulties; Strategies; Products; Reflection; Initial Teacher Training; Continuous Training.

| | Índice | |
|---|--------|----|
| Índice de anexos | | 7 |
| Introdução | | 9 |
| Capítulo I – Contextualização | | 10 |
| Caraterização do Estágio Pedagógico | | 10 |
| Caraterização da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos | | 12 |
| Capítulo II – Preparação do Estágio Pedagógico | | 16 |
| Capítulo III – O processo de ensino-aprendizagem em Educação Física | | 19 |
| Capítulo IV - Desporto Escolar | | 34 |
| Capítulo V – Coadjuvação da Direção de Turma | | 37 |
| Capítulo VI - Relação com a Comunidade | | 40 |
| Capítulo VII – Projetos de Investigação-Ação | | 44 |
| Capítulo VIII – Dinâmica de Trabalho do Núcleo de Estágio da EBES | | 49 |
| Conclusão | | 52 |
| Referências Bibliográficas | | 53 |
| Documentos Consultados | | 55 |

Índice de anexos

- Anexo 1: Projeto Educativo 2010-2013
- Anexo 2: Projeto Curricular 2010-2013
- Anexo 3: Plano Anual de Atividades de Educação Física
- Anexo 4: Exemplo de Planeamento dos treinos de Patinagem, Desporto Escolar
- Anexo 5: Projeto de Investigação, Cadeira de IE
- Anexo 6: Projeto “Atividade Física é Saúde”
- Anexo 7: Teste Sociométrico
- Anexo 8: Sociograma
- Anexo 9: Ficha Individual do Aluno
- Anexo 10: Plano Anual de Turma
- Anexo 11: Protocolo de Avaliação Inicial
- Anexo 12: Exemplo de Plano de Etapa
- Anexo 13: Exemplo de Plano de Unidade de Ensino
- Anexo 14: Imagens dos Espaços de Educação Física
- Anexo 15: Projeto Individual de Formação (PIF)
- Anexo 16: Plano Geral de Atividades (PGA)
- Anexo 17: Plano das Aulas de Adaptação
- Anexo 18: Planeamento da Avaliação Inicial
- Anexo 19: Metas de Aprendizagem
- Anexo 20: Exemplo de Autoscopia
- Anexo 21: Protocolo de Avaliação Inicial
- Anexo 22: Planeamento da 5ª Etapa – Prova Global
- Anexo 23: Exemplo Plano de Rotação dos Grupos
- Anexo 24: Exemplo Folha de Grupos de Trabalho
- Anexo 25: Projeto de Acompanhamento do Núcleo de Patinagem, DE
- Anexo 26: Exemplo de Balanço do DE

Anexo 27: Cartões Atleta DE

Anexo 28: Projeto de Acompanhamento da DT

Anexo 29: Planeamento das aulas de FC

Anexo 30: Cartazes de Divulgação das Atividades do GEF

Anexo 31: Planeamento Atividade “8 aos 80”

Anexo 32: Guia de Estágio Pedagógico 2011

Anexo 33: Planeamento Peddypaper

Anexo 34: Questionário Projeto “Atividade Física é Saúde”

Anexo 35: Ficha de Observação de Aulas do Núcleo de Estágio

Introdução

O presente relatório apresenta-se como um balanço do trabalho desenvolvido ao longo de todo o ano de Estágio Pedagógico na Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, integrado no 2º ano do Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa.

O documento assume-se como um conjunto de observações ao meu trabalho e desempenho nas várias competências das diferentes Áreas de formação:

Área 1: “Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem”, dividida e Planeamento, Condução e Avaliação

Área 2: “Investigação e Inovação Pedagógica”

Área 3: “Participação na Escola”

Área 4: “Relação com a Comunidade”

Este conjunto de observações é elaborado com o intuito de se entender o impacto que estes 11 meses tiveram no meu processo de formação. Ao perceber e refletir sobre aquilo que fiz, posso projetar novos comportamentos que me permitam evoluir, ultrapassando as dificuldades sentidas no contacto com a escola, com os alunos, com as orientadoras e colega de estágio.

Ao longo do relatório existirá a preocupação em focar todos os aspetos ou situações que considero passíveis de observações e comentários.

Para que seja de melhor compreensão e leitura optei por organizar este documento da seguinte forma: em primeiro lugar e após já ter tecido alguns agradecimentos, a todos aqueles que de uma ou outra maneira contribuíram para a minha formação e evolução, e porque considero importantíssimo para que se entenda tudo o mencionado posteriormente, farei uma caracterização do contexto em que fiz o meu percurso como estagiária – Contextualização; de seguida apresentarei o balanço relativo a todas as competências a serem desenvolvidas, trabalhadas e atingidas em cada uma das Áreas descritas anteriormente; e terminarei com uma conclusão que se apresenta como uma reflexão do contributo do estágio para a minha formação.

Capítulo I – Contextualização

Caraterização do Estágio Pedagógico

A Escola Eugénio dos Santos faz parte da minha vida desde 1996. Em meados de Setembro do referido ano, entrei pela primeira vez nesta Escola, para a receção ao aluno. Tinha 10 anos alguns objetivos, metas e ambições e já nessa altura, um deles era ser professora de Educação Física.

Foi nesta escola que passei alguns daqueles que considero os melhores anos da minha vida. Foi lá que consolidei amizades e fiz muitas outras que duram até aos dias de hoje.

Foi também nesta escola que conheci alguns dos professores que contribuíram em grande escala para que seguisse esta área de formação. Sendo que essa vontade foi crescendo de ano para ano. O profissionalismo e paixão demonstrados pelos professores no desenvolvimento das suas funções, ajudaram-me a consolidar e enaltecer esse desejo.

Já na faculdade apercebi-me que não era apenas o mundo do desporto que me fascinava, mas que o do ensino ainda me atraía mais. Ao longo da minha formação, e também porque tive a oportunidade de começar a dar aulas de Atividade Física e Desportiva (AFD) nas Atividades de Enriquecimento Curricular do 1º Ciclo (AEC), fui-me apercebendo da enorme importância e influência que exercia na aprendizagem dos meus alunos. É uma sensação bastante gratificante perceber que as nossas ações mudam comportamentos, e que com elas conseguimos ajudar alguém a crescer e a tornar-se mais rico e completo.

Os anos na faculdade foram passados a adquirir o máximo de competências e conhecimentos. As aulas que conduzia nas AEC's permitiram-me exercer o que assimilava na minha formação e a interação criada com os docentes, através da partilha de experiências no ensino, potenciava a minha aprendizagem como futura profissional do ensino.

Foi com bastante satisfação que durante a reunião de escolha e distribuição dos futuros estagiários pelas escolas, me apercebi que todo o esforço feito durante o 1º ano de Mestrado, tinha sido recompensado com uma média que me permitiria escolher a Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (EBES) como a minha escola de estágio, como sempre idealizei.

Outro aspeto que considero importante relatar nesta fase do documento, prende-se com a minha formação inicial. Deste modo será mais fácil compreender as dificuldades e facilidades sentidas, bem como as decisões tomadas no Estágio Pedagógico. Realizei a Licenciatura na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias onde tive o privilégio de contactar com uma vertente prática do ensino da EF bastante intensivo e qualificado. Posteriormente frequentei o Mestrado na Faculdade de Motricidade Humana onde tive a oportunidade de enriquecer a minha formação através do contacto com as grandes fontes literárias da EF.

Caraterização da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos

A Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, que por tantas razões faz e fará parte da minha vida, situa-se na freguesia de São João de Brito e foi construída em 1950. Encontra-se integrada no agrupamento de escolas Eugénio dos Santos, sendo a Escola Sede.

Esta escola tem 947 alunos, distribuídos pelos diversos ciclos e anos de escolaridade. Pode-se afirmar que esta população é heterogénea ao nível da classe social a que pertence. Ao nível do ambiente escolar é uma escola calma, onde os distúrbios, que possam ocorrer, são alvo de uma intervenção atempada como tentativa de os solucionar rapidamente.

O Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (AEES) foi criado no ano letivo 2004/2005 e engloba, além da própria, que é escola Sede, mais 4 Escolas de 1º Ciclo. A EB1 / JI Santo António, EB1 Fernando Pessoa e EB1 Bairro São Miguel (onde também fui aluna), e EB1 Rainha Dona Estefânia. Todas elas se situam perto da escola Sede, à exceção da última que se situa perto do Hospital com o mesmo nome.

A EBES é um estabelecimento de ensino publico que disponibiliza formação curricular no 2º e 3º Ciclos do ensino básico. Procura responder às necessidades da população envolvente, contando para isso com a ajuda dos Gabinetes de Psicologia e de Apoio à Família (GAF), que têm como propósito apoiar os alunos e famílias com mais dificuldades.

A instituição preocupa-se em ir ao encontro das características da comunidade onde se insere, sendo este uma das principais linhas orientadoras de ação da escola.

“...cada escola deverá organizar-se a partir das diferenças existentes na comunidade escolar e adaptar-se às mudanças da sociedade, numa perspetiva de abertura, nomeadamente, à inovação pedagógica e ao desenvolvimento tecnológico.”

Projeto Educativo AEES (2010/12, p33)

No que concerne aos horários, a escola apresenta 2 turnos: o da manhã, das 8h30 às 12h30 e o da tarde, que funciona entre as 13h30 e as 18h30. No entanto todos os alunos têm aulas de manhã e de tarde. O que difere os dois tipos de horário é o fato das aulas serem mais concentradas numa metade do dia do que na outra. Sendo que os alunos da manhã têm algumas tardes livres, e os da tarde o inverso.

A EBES conta com bons recursos físicos e materiais, e com boas condições para a lecionação das aulas, tanto ao nível da manutenção, como da organização e de equipamento/material. Apesar disso, sendo uma escola antiga, necessita de obras, tanto nas salas de aula, casas de banho, balneários e nos espaços de educação física. É constituída por um edifício central, que abarca dezanove salas de aula e um pequeno auditório, uma sala de atendimento aos encarregados de educação, uma sala de acompanhamento, a Sala de Religião e Moral, o Gabinete da Direção, os Serviços Administrativos, a Biblioteca e a Sala dos Professores.

Para além do edifício principal, a escola é ainda constituída por mais dois corpos independentes, campos de jogos e pátios, onde os alunos fazem os seus recreios.

Num dos referidos corpos independentes, neste caso situado a Norte podemos encontrar o refeitório, utilizado tanto por alunos como pelo pessoal docente e não docente, o bufete dos alunos, os balneários, 2 ginásios (A e B), 1 sala de ténis de mesa e o gabinete de EF (Anexo 14).

No corpo independente que resta, situam-se o clube de artes e a papelaria, as salas de Educação Musical, salas de EV/EVT/ET, um pequeno ginásio (C) e uma sala multiusos.

O grupo de docentes da escola é constituído por 109 professores, 21 assistentes operacionais, 8 assistentes técnicos e 1 psicóloga.

A escola, no que diz respeito à Educação Física, conta com 3 espaços interiores – Ginásio A, com cerca de 20 por 12 metros, o Ginásio B, com cerca de 12 por 5 metros, o Ginásio C e 2 espaços exteriores, Pátio Principal (PP), que tem o Ginásio B como apoio, em dias de chuva e Pátio Superior (PS), que por sua vez, em dias de chuva, conta com o Ginásio C. Os espaços para as aulas de educação física são muito bem apetrechados e as condições são excelentes para o cumprimento do Programa Nacional de Educação Física (PNEF). Esta é uma característica da escola que, na minha opinião, tornou o estágio ainda mais rico. O fato de podermos lecionar todas as matérias ditas obrigatórias revelou-se uma enorme mais-valia, pois pude passar pelo processo ensino-aprendizagem em todas essas matérias. Com isto adquiri competências em matérias que dominava menos, como a patinagem ou o badminton e evolui nas outras em que estava mais à vontade, como é o caso da ginástica, do voleibol ou dos Jogos Desportivos Coletivos.

Para além disso a escola coloca à disposição dos alunos diferentes modalidades de Desporto Escolar. Nestas inserem-se os Núcleos de Patinagem, Ginástica Acrobática e Trampolins, Voleibol, Basquetebol, Ténis de Mesa, Futsal e

Badmínton. Estes núcleos participam nas competições e saraus do Desporto Escolar, juntamente com os núcleos de outras escolas.

O Grupo de Educação Física (GEF) é constituído por 10 professores, 8 experientes, sendo que alguns já lecionam nesta escola há muitos anos, e 2 estagiários. Quatro destes professores desempenham cargos de gestão. Uma das professoras assume a responsabilidade da orientação dos estágios e sub-coordena o 3º ciclo. Uma outra professora, para além de ser responsável pelo Desporto Escolar, assume a sub-coordenação do 2º ciclo. Há ainda um professor responsável pelas instalações, assumindo o cargo de diretor das mesmas. É um grupo bastante ativo, desenvolvendo variadíssimas atividades ao longo do ano.

Todos os anos e com o objetivo de juntar a comunidade numa atividade intergeracional, o GEF e restante Departamento de Expressões – constituído pela Educação Física (EF), Educação Visual e Tecnológica (EVT), Educação Musical (EM), Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica (ET) – organiza e dinamiza uma atividade denominada “8 aos 80” de que me prenunciarei mais à frente, aquando da minha reflexão acerca de participação do professor estagiário na Área 4 – relação com a comunidade. Para além desta, o GEF organiza e dinamiza muitas outras atividades, como é possível verificar através da consulta do Plano Anual de Atividades (Anexo 3).

Com estas atividades, o grupo procura responder às necessidades e preferências dos alunos, promovendo a adoção de hábitos de vida ativos, através da prática desportiva.

A escola dispõe, ainda, de um conjunto vasto de serviços técnicos e técnico-pedagógicos e ainda de atividades designadas a assegurar condições que promovam o desenvolvimento escolar e pessoal dos alunos. Para isso, conta com os Serviços de Psicologia e de Orientação Vocacional; Educação Especial; Grupo de Saúde; Biblioteca Escolar; Ação Social Escolar; Hora de Direção de Turma.

Para reger todos estes serviços e atividades, bem como todas as atividades da comunidade escolar, a EBES possui documentos orientadores. Importa destacar o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Regulamento Interno (RI) e o Plano Anual de Atividades (PAA).

Esta escola, bem como todas as restantes escolas do Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (AEES), regem-se por um PEE, aprovado pelo Conselho Geral.

“A Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos visa ser uma escola dinâmica e centrada no aluno, que crie oportunidades educativas para todos e que simultaneamente promova uma educação rigorosa e de qualidade, tendo em vista o sucesso académico e educativo dos seus alunos e a construção de um projeto de vida com sucesso. A escola deve promover valores como a

igualdade de direitos e de oportunidades, o respeito pela diferença, a solidariedade e o espírito cívico, que tornem o aluno capaz de assumir atitudes críticas geradoras de mudança. Em síntese, contribuir para o seu desenvolvimento pessoal e social e prepará-lo para o exercício, no presente e no futuro, da cidadania que se quer interveniente e responsável.”

Projeto Educativo de Escola (2010/3)

Ainda em relação ao PEE, este contempla nas suas finalidades, o aumento do sucesso educativo e a melhoria da qualidade do serviço público de educação. Porque associado a finalidades estão sempre os objetivos para as alcançar, é importante analisar se esses objetivos foram conseguidos. Para isso é também indispensável verificar se as estratégias planeadas foram postas em prática e se resultaram.

Uma das estratégias para a primeira finalidade passa pelo acompanhamento dos alunos com dificuldades de aprendizagem e de integração, proporcionando-lhes um apoio efetivo na melhoria das suas aprendizagens, recorrendo a atividades de apoio educativo de reforço.

Pelo que me pude aperceber durante o ano de estágio, a estratégia, descrita anteriormente, é boa. No entanto, a excelente oportunidade de contactar com a minha turma fora das aulas de EF, seja nas aulas de Formação Cívica como em todas as tarefas que pude desenvolver enquanto co-adjuvante da diretora e turma, permitiu-me perceber que esta estratégia não é posta em prática. No desenvolvimento das tarefas da direção de turma constatei que apenas os alunos bi-repetentes ou aqueles que tinham tido negativa a determinada disciplina em 2 períodos consecutivos poderiam usufruir das aulas de apoio. Penso que todos os alunos com dificuldade têm o direito de participar destas aulas, o que na verdade não acontece.

É de referir ainda, que foi com enorme satisfação, que durante este ano, no contato ocasional com alunos, professores e funcionários, mas também em reuniões de conselho de turma e de diretores de turma, pude verificar que uma das estratégias definidas para tornar a escola cada vez melhor e mais próxima das necessidades dos alunos, na procura do sucesso educativo foi a “promoção da participação dos Encarregados de Educação no percurso educativo dos filhos”. Esta é constantemente lembrada e colocada em prática. Como refere Marujo (1998) *“O envolvimento de pais e mães na educação escolar dos filhos é um direito, tanto como uma responsabilidade e um valor. É hoje claro que a participação ativa dos pais no processo de aprendizagem pode melhorar o desenvolvimento das crianças. Os pais são, com toda a propriedade, o maior e mais válido recurso que os professores possuem para ajudar os alunos a terem sucesso e felicidade. Podem, de fato, intervir de forma positiva no desenvolvimento educativo dos filhos.”*

Capítulo II – Preparação do Estágio Pedagógico

O ano de Estágio teve início no dia 1 de Setembro. Já na Escola Básica 2,3 Eugénio do Santos, conhecemos e reunimos com as professoras que iriam orientar o nosso estágio, e que portanto nos iriam acompanhar em todo este importante processo de formação.

Esse primeiro contato serviu para nos conhecermos, para ficarmos a par das tarefas a realizar na preparação desta etapa de formação, e para conhecer a Escola.

Foi neste primeiro contacto com as orientadoras que tivemos acesso aos primeiros pontos orientadores do trabalho que iríamos ter de desenvolver, nesta primeira fase, de preparação do ano letivo, e durante o resto do ano.

Foi-nos proposto que começássemos a construir o nosso Projeto Individual de Formação (PIF) (Anexo 15), o qual foi muito útil ao longo do ano pois serviu de documento orientador das tarefas de estágio.

Tal como este, o Plano Geral de Formação (PGA) (Anexo 16), elaborado pelos 3 estagiários, teve também uma grande importância na organização das tarefas do núcleo de estágio, pois permitiu que no início do ano ficássemos logo como uma noção do volume de trabalho a que iríamos estar sujeitos. Este serviu também para perceber que a organização e realização atempada das tarefas seriam muito importantes. Antes da sua elaboração, consultamos e analisamos aprofundadamente o Guia de Estágio (GE), que se mostrou um documento indispensável para esta fase de organização do nosso trabalho.

A construção destes dois documentos foi, no início, um pouco complicada. Com a ajuda dos professores coordenadores do mestrado, numa reunião realizada para esse fim, conseguimos tirar as dúvidas e concluir os documentos.

A conclusão destes coincidiu com o 1º contato com a professora com quem iríamos trabalhar na coadjuvação da direção de turma, bem como com os restantes membros do conselho de turma. Este primeiro contato foi muito importante pois pude começar a conhecer os meus futuros alunos, pelas palavras e testemunhos daqueles que já trabalharam com eles e que os conhecem bem.

Grande parte das informações foram transmitidas, nesta primeira fase, pela professora Diretora de Turma (DT), que me colocou a par do historial da turma e de cada aluno. Fiquei a saber que a turma do 8ºC era constituída por 28 alunos, sendo 10

do sexo feminino e 18 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos de idade.

É uma turma heterogénia no que diz respeito ao sucesso escolar. Os interesses dos alunos provaram-se também muito variados.

Para saber um pouco mais sobre aqueles com que iria trabalhar durante o ano, e depois de me aconselhar tanto com a DT como com a orientadora de escola, elaborei uma ficha do aluno (Anexo 9) que foi preenchida na 1ª aula de EF. Depois de proceder ao tratamento dos dados fiquei a saber que os alunos quando questionados acerca das suas disciplinas favoritas cerca de 64% dos alunos elegeram a EF. 50% dos alunos pratica desporto a nível federado e cerca de 80% admite praticar atividade física regular.

No que diz respeito à ocupação dos tempos livres, 60,7% dos inquiridos dizem-se amantes da música, o que é normal sendo uma turma de ensino articulado em que grande parte dos alunos complementa a sua atividade escolar com o estudo da música em academias certificadas.

Para além do ensino da música, as categorias mais escolhidas para a ocupação dos tempos livres foram a prática desportiva, cerca de 78%, e o cinema, 71,4%.

Estes alunos admitiram ainda que a utilização do computador é maioritariamente para fazer trabalhos da escola e para pesquisas na internet, ambas com percentagens à volta dos 80%.

Como pudemos verificar é uma turma muito pouco sedentária, uma vez que “ver televisão” não apresenta, para nenhum deles, uma opção para os tempos livres, atividades como ir ao cinema com os amigos, praticar desporto, conversar e ouvir música apresentam percentagens de escolha bastante significativas.

Após o tratamento destes dados apercebi-me que o teste sociométrico (Anexo 7), que iria dar origem ao Sociograma (Anexo 8), falado em reunião de núcleo, pelas orientadoras, seria também um ótimo instrumento para começar a preparar as primeiras aulas do ano – aulas de adaptação. Estas aulas serviram para professora e alunos se começarem a conhecer, a construir regras e rotinas de trabalho.

Para mim é indispensável o conhecimento do aluno por parte do professor. No início do ano, e no primeiro contacto, a importância prende-se com a postura que o professor deve assumir na abordagem inicial à turma e ao aluno, uma vez que cada grupo tem as suas características, e cada aluno é um ser individual. Como refere Vygotsky (cit Machado, 2011). Para isso é importante termos um conhecimento prévio

sobre aqueles com quem vamos interagir e trabalhar, para que possamos saber como agir.

Capítulo III – O processo de ensino-aprendizagem em Educação Física

“A ação de planejar tem sido entendida, por um lado, como um processo psicológico em que se figura o futuro, se inventariam os fins e os meios inerentes ao conhecimento pedagógico e se constrói um quadro condutor da ação futura”

(Clark & Peterson, 1986. Cit Anacleto, F 2008)

“É importante que o planeamento seja entendido como um processo cíclico e prático das determinações do plano, o que lhe garante continuidade, havendo uma constante realimentação de situações, propostas, resultados e soluções, lhe conferindo assim dinamismo, baseado na multidisciplinaridade, interatividade, num processo contínuo de tomada de decisões.”

(Wikipédia)

O Planeamento é uma das tarefas que considero fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Sendo o planeamento uma ferramenta que nos permite construir ações, antecipando os resultados desejados. No ensino, neste caso da Educação Física, não pode haver organização do trabalho sem planeamento.

“Os professores eficazes são considerados aqueles que planejam para a gestão da classe e aprendizagem dos alunos, antecipam situações, conhecem as características dos alunos, buscam informações para planejar....”

Anacleto, F (2008)

Para conseguir executar esta importante tarefa foi necessário, em primeiro lugar, estudar e conhecer as normas da escola. Foi junto das orientadoras que tivemos o primeiro contacto com este tema. Com a ajuda de documentos elaborados por estagiários de anos anteriores, e pela própria orientadora de escola, foram-nos dadas as primeiras instruções de como elaborar um plano de etapa, uma vez que esta escola trabalha através do ensino por etapas – abordando todas as matérias em todos os períodos.

Foi nesta altura que surgiram as primeiras dúvidas Teoria vs Prática. Isto porque a durante a formação inicial, apesar de ter aprendido quais os diferentes níveis de planeamento, e para que servem, a realidade da escola mostrou-se bastante diferente. Foi aí que me apercebi que dominava muito pouco as competências de planeamento e que as minhas bases se resumiam a planos de aula. Comecei imediatamente a consultar e estudar documentos de vários autores para conseguir construir o meu modelo de planeamento. Foram várias as situações de tentativa e erro sempre acompanhadas com discussões entre os elementos do núcleo de estágio.

Enquanto me debatia com as questões do planeamento, preparação do meu ano de estágio, adaptação à escola e sua comunidade, tive também o primeiro contato com o grupo de EF. Tentei junto deste perceber como funcionavam enquanto grupo, no trabalho conjunto, na partilha de documentos e conceções de trabalho. Apercebi-me, na primeira reunião do grupo, que não havia homogeneidade e trabalho conjunto nas questões de planeamento e avaliação, e que os documentos comuns ao grupo eram poucos – Protocolo de Avaliação Inicial, Protocolo de Avaliação Sumativa, Metas de Aprendizagem e Projeto Curricular de Educação Física. De utilização comum existia, ainda, a ficha de requisição do material – entregue à funcionária antes da aula - as folhas de registo dos testes do fitnessgram e as fichas de autoavaliação de fim de período. Penso que a partilha de documentos como os Planos de Avaliação Inicial, de Avaliação Formativa e ainda Planos de Etapa e de Unidade de Ensino (UE) seria uma mais-valia. Os professores têm, conceções de trabalho muito diferentes, e algumas, na minha opinião, pouco eficazes. Digo isto porque pude observar alunos com um rendimento baixo em muitas das matérias, e na disciplina em geral. Penso que se houvesse mais trabalho conjunto e entreajuda, com partilha de documentos, observação de aulas, entre outros, se poderia começar a homogeneizar a qualidade e eficácia do processo ensino-aprendizagem.

No meu entender, e admitindo como certo o fato de cada professor poder ter o seu próprio método de organização, penso que a elaboração de documentos como o Plano de Etapa, Plano de Unidade de Ensino é importantíssima para uma boa organização e gestão do processo ensino-aprendizagem.

O primeiro contacto com o Planeamento foi na preparação das aulas de adaptação (Anexo 17). Estas vão ajudar o professor estagiário a planear a Avaliação Inicial. É nas primeiras aulas, no contato com os alunos, que o professor se vai aperceber das características do grande grupo e vai começando a inserir normas e a criar rotinas de aula. As minhas principais preocupações prendiam-se com a

possibilidade de existirem comportamentos fora da tarefa, tanto nos momentos de preleção como durante a execução das tarefas propostas. Para isso tentei dividir a turma o menos possível, para que fosse mais fácil controlar comportamentos e não juntar, no mesmo grupo de trabalho, alunos que pudessem criar situações desestabilizadoras da aula, como discussões por exemplo. Estratégia que deu resultados positivos. Outra estratégia, utilizada, foi propor tarefas simples, fáceis de explicar e entender, para que os momentos de instrução inicial não fossem muito longos, provocando a dispersão da atenção e propiciando comportamentos indesejados. Procurei também, aquando do processo de planeamento, organizar todos os momentos da aula de modo a que não houvesse muitos e longos períodos de espera.

Foi no decorrer das aulas de adaptação que fui recolhendo os dados para conseguir elaborar o Plano de Avaliação Inicial (Anexo 18) – a colocar em prática durante as 5 semanas seguintes.

Garantir um planeamento do período de avaliação inicial ajustando o respetivo protocolo e a sua aplicação ao contexto da turma e aos recursos espaciais e temporais disponíveis, assume-se como sendo a primeira competência a ser desenvolvida pelo professor estagiário no que diz respeito à área 1 do Estágio Pedagógico.

Para conseguir planear as aulas da Avaliação Inicial foi fundamental saber aquilo que ia observar e avaliar. Para isso, fui estudar o protocolo de Avaliação Inicial (PAI) (Anexo 11) que se revelou uma enorme ajuda nesta fase de planeamento. Através do qual pude construir as fichas de observação que me auxiliaram na avaliação diagnóstica e prognóstica dos meus alunos.

Como considerei impossível fazer os registos no decorrer da aula, por ter experienciado, nas aulas de adaptação, que era difícil estar atenta a tudo o que se passa na aula, conseguindo manter a organização e desempenho das tarefas por todos os alunos, optei por adotar 2 estratégias. A primeira, solicitar a um aluno, que não estivesse a fazer a aula, para assegurar essa função, ensinando-o e auxiliando-o até que o soubesse fazer de forma autónoma. A segunda- utilizada quando não tinha ninguém de fora - foi efetuar o registo depois da aula. Como se mostrou complicado registar tudo aquilo que observava durante a sessão, optei por organizar a minha observação dividindo os alunos em 3 grupos – um dos alunos mais fracos, outro dos intermédios e outro com os alunos mais fortes em cada matéria - assim tornar-se-ia mais fácil fazer o registo, uma vez que teria de estar com atenção apenas aos que sabiam fazer e aqueles que não sabiam de todo.

Para que o registo fosse o mais próximo possível da realidade, no momento de construção desse instrumento de observação, tive o cuidado de colocar os indicadores com uma linguagem facilmente entendível pelos alunos.

Para Moreira (1998), planejar é uma das primeiras tarefas dos professores quando se deparam com a realidade escolar. O planeamento deve ser compreendido e concebido como uma das responsabilidades de todos os professores que têm, assim, a oportunidade de organizar a sua tarefa docente com precisão e eficiência.

O Nível Macro do planeamento – Plano Anual de Turma (PAT) (Anexo 10) foi elaborado após o período de Avaliação Inicial. Este contém os resultados dos alunos, tanto diagnósticos como prognóstico (objetivos terminais estabelecidos).

Como defende Haidt (2000), o planeamento requer uma atitude de reflexão sobre o objetivo que se deseja atingir, a partir de uma experiência anterior, ou seja, é uma reflexão sobre a ação e para outra ação.

Este documento foi construído com a preocupação de ser fácil de consultar. Assim, abarca uma tabela, por período, dividida por Etapas. Em cada Etapa, os alunos abordam todas as matérias – consideradas obrigatórias pelo PNEF (Programa Nacional de Educação Física) – subdivididas em 2 Unidades de Ensino. A primeira Etapa refere-se à Avaliação Inicial, da qual já falei. A 2ª, 3ª e 4ª Etapas destinam-se à Aprendizagem e Consolidação dos conteúdos lecionados e a 5ª, e última Etapa – Prova Global - tem como objetivo a revisão e avaliação sumativa.

No final deste documento podemos ainda encontrar um PAA, que contém as matérias a abordar em cada aula. Nela é fácil identificar o número da aula, a unidade de ensino e etapa em que está inserida.

Para além do mencionado, o PAT contém também informações, acerca da turma e dos alunos, que se apresentam como sendo a base de todo o trabalho a desenvolver. Podemos encontrar a caracterização da turma, construída com base nas informações recolhidas na Ficha Individual do Aluno e no Teste Sociométrico.

Na construção do PAT a maior dificuldade sentida foi a distribuição das matérias pelas várias Etapas tendo em conta que não se devem juntar 2 matérias prioritárias na mesma aula. Tudo isto porque defendo que a inexperiência do professor estagiário faz com que a incerteza, no que diz respeito ao contributo real das atividades prescritas para a evolução dos alunos e a insegurança do seu sucesso, esteja sempre presente. Contudo, penso que esta tarefa foi bem-sucedida e que as decisões tomadas formaram, entre si, uma unidade pedagógica coerente.

Após estudar as Metas (Anexo 19) e o dossier de estágio de anos anteriores, bem como de esclarecer algumas dúvidas com a professora orientadora de escola – estratégias definidas no PIF da 1ª Etapa, tendo em consideração a previsão das dificuldades que iria sentir - procedi, já na posse dos resultados da Avaliação Inicial, à elaboração do documento que me permitiu, através da prescrição das atividades a desenvolver, projetar a aprendizagem dos alunos, com vista a uma evolução das suas capacidades.

O Nível Meso do Planeamento – Planos de Etapa (Anexo 12) – assumiu-se, aquando da sua construção, como uma grande dificuldade uma vez que somente no fim da 2ª Etapa, consegui perceber a verdadeira diferença entre um Plano de Etapa e um Plano de Unidade de Ensino. Percebi que o Plano de Etapa é mais geral, contendo os objetivos de fim de etapa para cada matéria lecionada, e o plano de unidade de ensino é mais específico, contendo as estratégias para alcançar os objetivos, como os exercícios, os grupos de trabalho, as fichas formativas, a organização e planificação das aulas.

Os Planos de Unidade de Ensino (UE) (Anexo 13) representam o Nível Micro do Planeamento. Sendo o plano mais operacional de todos os planeamentos, contém toda a informação necessária para a organização e condução de uma aula de EF, e portanto a matéria a ser lecionada, os objetivos de aula, os objetivos para o aluno, os objetivos para o professor estagiário, a organização espacial dos alunos e do material, o acompanhamento do professor, e ainda o Plano de Aula em si, com as tarefas/exercícios a serem realizados, a sua ordem e duração. Este documento contém ainda os instrumentos de avaliação formativa.

No que diz respeito à elaboração dos planos de unidade de ensino e de aula penso que houve uma evolução, bastante significativa, do plano da 1ª Unidade de Ensino para o da 2ª, bem como dessa para a última. Isto quer dizer que os planos foram sofrendo as alterações que considerei necessárias para que estivessem mais completos e ajustados à realidade.

A construção do 1º Plano de UE não se revelou uma tarefa complicada, porém, só com o passar das aulas, me apercebi que teria de fazer algumas alterações e acrescentos, na construção do Plano da 2ª UE. Esse sentimento foi uma constante até ao plano da 4ª UE, altura em que penso que encontrei o modelo mais completo e eficaz para uma intervenção pedagógica de qualidade.

As grandes dificuldades sentidas, nesta fase, foram ao nível da definição de objetivos e da organização das tarefas da aula. A primeira, na medida em que me foi

difícil fazer a distinção entre objetivos da aula e objetivos dos alunos, bem como no traçar de objetivos para mim, enquanto professora estagiária. A segunda relacionada com a organização, tanto espacial como na construção de grupos de nível.

Essas dificuldades foram desaparecendo à medida que fui fazendo as autoscopias das aulas (Anexo 20). As quais se revelaram um ótimo exercício para a interiorização do que conseguimos fazer, daquilo que temos e podemos melhorar bem como dos sucessos que já alcançamos. A partir destas reflexões, e com a ajuda das professoras orientadoras, fui conseguindo diferenciar os níveis de objetivos, e começando a traçar objetivos mais concretos para mim, retirados dos aspetos a melhorar diagnosticados em aulas anteriores.

“O objeto de reflexão deverá ser tudo aquilo que se relacione com a atuação do professor durante o ato educativo. É necessário que o professor tenha conhecimento na ação, conhecimento que os professores manifestam no momento em que executam a ação. O conhecimento na ação passa, assim, pelo diálogo com as situações através da reflexão na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação. Leva o professor a progredir no seu desenvolvimento, a tomar consciência e a construir a sua própria maneira de conhecer.”

Almeida, M (2009)

As autoscopias sofreram, na 2ª etapa, modificações na sua estrutura, pois careciam da presença da reflexão acerca da aprendizagem dos alunos. Penso que o fato de ter começado a fazer o balanço do empenho e aprendizagem efetiva dos meus alunos nas aulas foi uma mais-valia. Isto porque tornou mais fácil e fidedigna a adequação dos ritmos de aprendizagens e dos graus de exigência dos objetivos terminais, tendo sempre como preocupação base a definição de critérios de sucesso que se tornem uma fonte de motivação para os alunos.

Foi na 3ª Etapa que comecei a conseguir utilizar as autoscopias da melhor forma. Como estratégia para ultrapassar a dificuldade relacionada com o empenho dos alunos, principalmente na ginástica de solo, criei um novo “campo” onde coloquei objetivos para os alunos alcançarem durante essa aula. Na prática o que fiz não foi mais do que criar uma nova dimensão de objetivo, pois é traçado um objetivo a cumprir pelo aluno no fim da etapa (objetivo terminal de etapa), um no fim da unidade de ensino (objetivo intermedio) e, neste caso, um para o fim de cada aula. Apesar de ter tentado por isto em prática foram muitas as vezes que não consegui, e portanto é algo em que vou continuar a trabalhar (formação continua), pois penso que a

participação ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem poderá trazer benefícios.

“As decisões tomadas pelo professor, devem formar uma unidade coerente, assegurando que os diferentes níveis de planeamento (turma, etapa, unidade de ensino e aula) estão interligados.”

Guia de Estágio, (2011)

Só desta forma, podemos trabalhar de modo a que exista, sempre, um cuidado na diferenciação e sentido de progressão, das aprendizagens, indispensável ao sucesso dos alunos. Como já referi anteriormente o PAT apresenta-se como sendo algo bastante útil e de extrema importância para todo o trabalho a desenvolver ao longo do ano. É através deste que construímos os planos de etapa, de unidade de ensino e de aula. Avançando da dimensão Macro do planeamento para a Micro.

É com base nos dados que vamos recolhendo dos nossos alunos - avaliação formativa - que vamos reajustando os planeamentos, etapa a etapa, unidade a unidade e aula a aula, com vista a responder da melhor forma aqueles que são considerados os pedidos de ajuda, mesmo que silenciosos, dos alunos com vista à obtenção de competências que lhes permitam aprender e evoluir.

Como os alunos são todos diferentes, cabe ao professor, delinear estratégias de ensino que lhe permitam chegar a cada um da forma como esse aluno necessita.

No decorrer das aulas, após uma observação mais criteriosa do desempenho dos alunos e com a ajuda da orientadora e do meu colega de estágio, bem como das fichas formativas - presentes em todas as aulas - fui conseguindo reajustar os grupos de trabalho – por nível - e os objetivos definidos para os alunos, com maior rigor e qualidade tornando assim o ensino o mais diferenciado possível.

Penso que os planeamentos formaram, e cada vez mais, uma unidade coerente entre si, assegurando a diferenciação e progressão das aprendizagens necessária ao sucesso dos alunos.

Foi logo no início do ano, no decorrer da 1ª Etapa, e através do estudo cuidadoso de tudo o que tinha a ver com avaliação - instrumentos, parâmetros, critérios de êxito e procedimentos - relacionados com as decisões de planeamento e com a adoção de uma inteligência sistemática de diagnóstico do processo ensino-aprendizagem - que me apercebi da importância da avaliação na aprendizagem dos alunos. Por isso, ao longo de todo o ano, houve a preocupação e empenho, da minha parte, para que os instrumentos de avaliação fossem o mais objetivos e de fácil utilização, permitindo avaliar, com justiça e clareza, os alunos nas várias matérias. Isto para que, no fim dos

períodos e, no momento da avaliação sumativa me pudesse servir, desses instrumentos, para conseguir atribuir classificações aos meus alunos ajustadas à realidade.

Ao longo do ano fui evoluindo na operacionalização do processo de avaliação formativa, e esta passou a ser planeada aquando da realização do plano de UE. Tal permitiu-me avaliar, com mais organização, o grau de consecução dos objetivos propostos, garantindo o sucesso dos alunos. Sempre que por alguma razão tal não se verificasse a tarefa seria procurar perceber a razão para isso ter acontecido, tentando colmatar, com a maior brevidade possível essa falha.

Os instrumentos de avaliação formativa foram construídos tendo como base o Protocolo de Avaliação Inicial (PAI) e as Metas de Aprendizagem que entraram em vigor na escola este ano. No fim do 1º período, aquando do processo de avaliação sumativa dos alunos, senti algumas dificuldades em utilizar as informações recolhidas (avaliação formativa) para atribuir uma classificação final ao aluno. A minha maior dificuldade não foi perceber o processo, pois esse está bem explícito nas Metas e no Protocolo de Avaliação Sumativa (PAS) (Anexo 21), mas sim separar os comportamentos e atitudes dos alunos das suas competências. Deparada com esta dificuldade, recorri à professora Manuela Jardim que me auxiliou. A partir desse momento comecei a entender melhor a dinâmica e lógica deste processo, correndo bastante melhor e de forma autónoma nos períodos seguintes.

A abertura total para críticas, opiniões e conselhos, e a enorme vontade de aprender o máximo possível, com aqueles que se dispõem a ajudar-me e a ter um papel importante na minha evolução, faz com que sinta, mais uma vez, que fui bem-sucedida nesta competência.

Nos procedimentos de avaliação do GEF, da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, está contemplada uma Prova Global, que corresponde, no meu PAT, à 5ª Etapa (Anexo 22) – Consolidação e Avaliação Sumativa. Nesta, os alunos passam durante 4 semanas, por todas as matérias abordadas ao longo do ano. Segundo a dinâmica do Núcleo de Estágio, nestas aulas, os alunos são avaliados em todas as matérias pelos 3 professores. Para isso contam com a ajuda de um documento – construído pelo professor da turma - que contém os níveis que atribuiu aos alunos ao longo do ano. Com estas referências os professores avaliadores – professor estagiário e professora orientadora de escola – registam a sua opinião face ao que observam, concordando ou não com o nível atribuído. Este método permite ao professor tirar

possíveis dúvidas, conferindo níveis corretos aos seus alunos, bem como trocar opiniões e experiência entre si.

Findas as tarefas de planeamento passamos à condução das aulas – das melhores experiências que tive neste ano de estágio. Na condução das aulas de EF utilizei vários estilos de ensino.

Na 1ª Etapa, optei por utilizar aqueles com que me sentia mais à vontade - Tarefa, Recíproco, Auto-verificação e Comando¹ - pois numa altura de alguma ansiedade, receios e medos, e de tantas tarefas a desenvolver ao mesmo tempo optei, salvaguardando a qualidade da minha intervenção, por conduzir as aulas do modo com que me sinto mais segura, uma vez que tenho alguma experiência, adquirida na lecionação de aulas de Atividade Física e Desportiva nas Atividades de Enriquecimento Curricular do 1º Ciclo (AEC).

Contra as minhas expectativas, a condução de aulas, a uma turma do 8º ano, mostrou-se, no início, mais complicado do que estava à espera. Sendo os alunos mais crescidos, do que aqueles com quem estou habituada a trabalhar – faixas etárias entre os 5 e os 10 anos - pensei que os momentos de instrução fossem mais simples.

Nos procedimentos organizativos, as principais dificuldades sentidas, na 1ª etapa, foram manter a turma em silêncio e os alunos concentrados, nos momentos de instrução e balanço. Para realizar com qualidade e sucesso, estas tarefas, principalmente a instrução inicial, é necessário existir um bom planeamento desse momento. A forma como preparamos a aula e a importância que damos a essa tarefa vai ter um peso enorme no sucesso da aula.

Para Macedo (1994), no processo de formação, é de fundamental importância que o professor: tome consciência do que faz ou pensa sobre sua prática pedagógica (...) adote uma postura de pesquisador e não apenas de transmissor; conheça bem os conteúdos escolares.

Tendo em conta as importantes afirmações do autor, acima descritas, as estratégias que utilizei, tanto na 1ª como na 2ª etapa, para que as instruções corressem sempre o melhor possível, foi fazer uma preparação cuidada, com o estudo das matérias em questão sempre que necessário, pois mesmo tendo um bom conhecimento das matérias, e ser exatamente esse um dos meus pontos fortes, há sempre um aspeto ou outro que não temos a certeza ou que necessitamos de

¹ Estilos de Ensino de Muska Mosston, retirados da Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2006, 5(1):117-134

relembrar, nem que seja tentar encontrar a melhor maneira, através dos conselhos disponibilizados em alguma literatura, de explicar determinada tarefa aos alunos.

Sinto que nesta competência, da condução do ensino, tenho vindo a melhorar bastante, apesar das dificuldades.

Na transmissão da informação tentei sempre que fosse clara, objetiva e focada nas aprendizagens e dificuldades dos alunos. Para isso focava os aspetos essenciais para o sucesso das tarefas – principais critérios de êxito - bem como as soluções para ultrapassar as dificuldades. Estes momentos eram, sempre que necessário, acompanhados da minha demonstração. Se o professor conseguir exemplificar então deve ser ele a fazê-lo pois transmite aos alunos a imagem de um professor competente. Assim os alunos vão respeitá-lo, levando em consideração as suas intervenções e FB.

Nas primeiras aulas de cada unidade de ensino – com matérias e situações de aprendizagem diferentes – as instruções iniciais e os balanços eram um pouco mais demorados. Isto para que os alunos compreendessem bem os objetivos e organização destas quatro aulas, que constituem uma UE. Partilhando da opinião de Jean-Jacques Rousseau (por Machado, 2011), a mais importante, a maior e a mais útil regra de toda a educação é não ganhar tempo, mas sim perdê-lo. E portanto mais vale assegurar uma boa instrução inicial, onde os alunos entendam exatamente como vai decorrer a aula e o que devem fazer, mesmo que demore algum tempo, pois é tempo que iremos ganhar se não estivermos sempre a parar a aula para tirar dúvidas.

O questionamento dirigido foi utilizado com bastante frequência nos momentos de instrução e balanço, durante grande parte das aulas. Isto para me certificar que os alunos entenderam o que expliquei e também, muitas vezes, para redirecionar a atenção dos alunos que por um motivo ou outro se encontravam distraídos.

A gestão temporal foi a dimensão organizativa em que tive mais dificuldade, e que demorei mais tempo a ultrapassar, pois não conseguia gerir bem o tempo dos exercícios e da aula em si.

Estando a turma dividida em vários grupos e a aula organizada por estações, a minha ineficiência, no controlo do tempo, fazia com que os alunos ficassem mais tempo numa estação do que nas outras.

A desorganização inicial e a falta de rotinas ajudaram a este descontrolo na contagem dos tempos, pois os alunos demoravam, também, muito tempo nas rotações. Não existindo, ainda, da minha parte a competência de reajustar os tempos dos exercícios fazia com que a aula acabasse sem que estivesse à espera, e portanto

muitas vezes fui surpreendida pelo toque de saída, e sem que se tivesse cumprido todo o plano de aula.

Em relação a estas dificuldades, foi havendo uma preocupação em colmatar essas falhas - que acabavam por fazer com que os alunos tivessem menos tempo de prática efetiva do que aquele que poderiam ter se fosse mais organizada a esse nível - Percebi que só quando conseguisse rentabilizar ao máximo o tempo da aula, gerindo bem os tempos de cada rotação, da instrução, do aquecimento e conseguisse reproduzir com a maior fidelidade possível o que havia planeado, conseguia dar o máximo tempo de prática efetiva aos meus alunos.

A questão do controlo do tempo foi, como já referi, uma dificuldade que me acompanhou durante grande parte do estágio. Foi na altura em que fiquei responsável pela leção da turma do professor estagiário que desistiu no início do 2º período, que comecei a conseguir ultrapassá-la. O facto de passar a lecionar 4h30 de aulas ao invés de 2h15 fez com que conseguisse ganhar mais experiência em menos tempo, e portanto ultrapassar dificuldades que já há muito sentia.

Quando surgiu esta oportunidade, apesar de um pouco apreensiva, aceitei-a de imediato. Revelou-se uma grande ajuda na minha formação e evolução. Tive a sorte de poder contactar e trabalhar com 2 turmas muito diferentes uma da outra – 8ºC e 7ºC – o que me deu mais alguma experiência. Cada turma tinha desafios diferentes – uma ao nível da postura e comportamento na aula, mais relacionado com a distração nos momentos de instrução. A outra, muitíssimo disciplinada, obrigou-me a ir estudar exercícios critério e situações de aprendizagem que ajudasse os alunos com mais dificuldades a evoluírem. Isto porque era uma turma bastante heterogeneia ao nível das competências demonstradas na disciplina de EF. Havia alunos muito competentes e alunos com muitas dificuldades – Sendo assim pude contactar com uma realidade onde as questões organizativas eram muito importantes e outra, em que o que era primordial eram as questões da diferenciação do ensino.

“Os docentes mais preocupados com o impacto das suas ações revelam maior especificidade na fase prévia e melhores indicadores de comportamento na fase interativa, utilizando o estilo diferenciado, preocupando-se com a individualização e evitando a normatização do ensino.”

Januário (1996)

Já na realização das tarefas da aula, a realidade mostrou-se muito próxima das minhas expectativas. Se com 5, 6, 9 anos as aulas de Atividade Física e Desportiva representam o momento de maior motivação, com 13 e 14 anos tal não se verifica.

Apesar de ter provado, através de um questionário, que 60,7% dos alunos da minha turma – 8ºC – indicam gostar da disciplina de EF. No entanto, ao contrário do que se passa com os alunos mais novos, muitos alunos do 8ºC, não mostravam vontade e dedicação nas aulas. O empenho, o trabalho e a concentração nas tarefas propostas estavam muito poucas vezes presentes. Isso obrigava-me enquanto professora, que deseja a evolução dos seus alunos, a estar constantemente a referir a importância do empenho na aprendizagem. Através dos estilos de ensino autoavaliação e avaliação recíproca, consegui que os alunos comessem a participar mais na sua aprendizagem, inteirando-se daquilo que tinham de fazer para atingir o sucesso que desejavam, e com isto se comessem a empenhar mais. Para isso os alunos contavam com a presença de fichas formativas, em todas as aulas, que os iam colocando a par das suas evoluções, e daquilo que tinham ainda de fazer para terem sucesso em determinada matéria - por exemplo que competência lhes faltava dominar para passarem para o nível elementar na ginástica.

Foi no decorrer da 2ª etapa que consegui tornar mais clara, sucinta e objetiva essa informação disponibilizada aos alunos (quer na instrução inicial, quer no balanço final ou nas informações dadas aos alunos no decorrer da aula). Isto porque tive o cuidado de preparar melhor o que queria dizer, refletindo acerca da melhor forma de transmissão das informações e conteúdos. Isso fez com que conseguisse reduzir o tempo dedicado a estes momentos de preleção ganhando esse tempo para a prática.

“Os professores eficazes são considerados aqueles que..., exploram vários estilos de ensino, separam tempo para a prática, maximizam o tempo prático e minimizam o tempo de espera”

Anacleto, F (2008)

Quanto à localização dos alunos nos momentos de instrução inicial – fator para que ocorressem as tais faltas de atenção e comportamentos fora da tarefa – se nas primeiras aulas, principalmente no Ginásio C, não correu muito bem, pois demorei algum tempo no encontro do melhor local para os colocar. Nos outros espaços de aula considero que o objetivo foi alcançado com alguma brevidade. No ginásio C demorou um pouco mais, visto ser um espaço mais pequeno e onde os alunos, estando mais próximos, têm mais tendência a distraírem-se.

O facto de ter tido uma excelente formação inicial, feita em 2 instituições de bastante qualidade Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e FMH, e que no meu entender se complementam, fez com que pudesse adquirir um bom conhecimento das matérias, bem como das suas didáticas.

Quanto ao acompanhamento ativo da aprendizagem dos alunos, sobretudo nas estratégias de observação/diagnóstico e formas de Feedback (FB), a sensação com que terminei o 1º período foi de que quanto mais preocupada estou em recolher informação, em controlar o trabalho efetivo da turma, certificar-me de que não estão a ocorrer comportamentos de indisciplina, bem como tentar ver a aula como um todo, para ver como esta está a correr, na sua generalidade, acabei por não me aperceber, em muitos momentos, de situações passíveis da minha intervenção. Enquanto estava, demasiado focada e preocupada com questões de organização, disciplina, cumprimento de objetivos propostos, etc., menos disponível ficava para aquilo que até se assume como a “função” em que me sinto bastante capaz, que é no ato de ensinar propriamente dito, ou seja, o acompanhamento real das aprendizagens dos alunos, a atribuição de feedbacks claros, objetivos, com conteúdo, facilmente compreendidos pelo recetor e que o ajude a melhorar.

No decorrer da 2ª etapa, conseguindo garantir uma circulação correta, planeada e organizada previamente aquando da construção do plano de UE, por todas as estações da aula, e tendo sempre o cuidado em posicionar-me de modo a ter todos os alunos no meu campo de visão, fui conseguindo ultrapassar esse sentimento. Com esta estratégia consegui acompanhar e intervir sobre os alunos a trabalhar em diferentes espaços físicos. O fato de estar sempre atenta ao que se passa nas diversas estações e intervir à distância – FB à distância ou chamadas de atenção a comportamentos fora da tarefa – fez com que o controlo da aula se tornasse bastante mais fácil e positivo, bem como que a probabilidade de ocorrerem comportamentos fora da tarefa ou situações das quais não me aperceba fosse menor. Consegui, na grande maioria das aulas - com mais dificuldade no ginásio C - acompanhando as aprendizagens dos meus alunos, em todos os grupos.

Apesar de ter havido melhorias significativas, ao longo do ano, devo no futuro (formação continua) continuar a trabalhar no sentido de controlar melhor o início das atividades nos grupos em que não estou presente.

O acompanhamento dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC) constituiu uma pequena dificuldade, não por não ter conhecimentos, mas por necessitar de mais tempo de observação e intervenção o que fazia com que, por vezes, me fechasse um pouco no grupo. O receio de tal acontecer fez com que acabasse, em algumas aulas, por não dedicar tanto tempo a essas matérias, como deveria, pois constituiria um benefício no processo ensino-aprendizagem.

“Educar é por um lado dirigir os alunos, e por outro estimulá-los, de forma a que por eles mesmos descubram coisas e participem”.

(Nuno Crato, cit Machado 2011)

No que diz respeito ao FB pedagógico e à sua utilização penso que o balanço é bastante positivo. Os FB aos alunos foram sendo cada vez mais personalizados e adequados as suas características, competências e necessidades.

Fazendo, agora, referencia à disciplina e à prevenção de comportamentos fora da tarefa, defendo que um bom planeamento da aula consegue acautelar condutas inapropriadas por parte dos alunos. Considero que se no momento de planear tivermos sempre em consideração as atitudes que os alunos possam vir a ter, e procurarmos prevenir aquelas menos adequadas, traçando medidas a tomar, conseguimos ser bem-sucedidos. Por exemplo, um dos momentos da aula que pode provocar desordem, confusão e alguma desorientação por parte dos alunos, incitada pela incerteza do que é para fazer, ou que simplesmente lhes dê espaço para inventar e brincar, é a altura da formação dos grupos e da sua distribuição pelas estações de trabalho, bem como a troca de atividades. Se no meu planeamento considerar tudo isso, então para prevenir a desordem e confusão, o melhor é construir, por exemplo, uma tabela com os grupos de trabalho e outra com o plano de rotação (Anexo 23), que lhes indica onde começam, para onde trocam e onde terminam a aula.

No início do ano, quando optei por ser eu a dar a conhecer os grupos de trabalho oralmente e a juntá-los, distribuindo as fitas ao mesmo tempo, deparei-me com a tal desordem. Daí para a frente e seguindo o exemplo da professora Manuela Jardim – orientadora de escola - comecei a imprimir a folha com os grupos (Anexo 24) e colocá-la presa à parede perto das fitas – diferenciadas por cores, utilizadas por esta escola, como instrumento de organização e distinção dos grupos de trabalho, em substituição dos coletes.

Esta estratégia tornou-se numa rotina bastante bem apreendida pelos alunos e que previne a indisciplina, pelo menos nesta fase da aula. Posto isto se tivermos sempre presente que determinado comportamento pode surgir, em qualquer momento da aula e se nos prevenirmos é mais fácil controlar a situação.

Outra tarefa do estágio que se pode assumir como uma experiência com imenso potencial formativo, é a semana de PTI (Professor a Tempo Inteiro), que pode representar mais um bom momento de formação neste ano de estágio, no sentido em que podemos contactar com outras turmas, com realidades diferentes, e ainda porque

nos permite cumprir o horário e função de um professor de EF. No entanto a nível pessoal, esta experiencia ficou muito aquém das expectativas, uma vez que devido às metodologias de organização e planeamento, adotadas pelos professores da turma, fiquei isenta do planeamento destas aulas, querendo os professores que eu desse continuação às aulas anteriores.

Para que esta experiencia fosse o mais enriquecedora possível escolhi uma turma do 5º ano, uma do 6º ano e uma do 9º ano, visto que assim pude contactar com todos os anos dos 2º e 3º ciclos.

Na lecionação das aulas do 5º e 6º ano não senti grandes dificuldades nem contributos para a minha formação, visto os alunos se encontrarem num escalão etário com o qual já trabalhei. No contato com a turma do 9º ano constatei que a disciplina e a prevenção de comportamentos desviantes são fatores indispensáveis para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem de uma turma. Esta turma revelou-se bastante indisciplinada e com falta de rotinas de trabalho. O meu investimento nesta semana foi no sentido de lhes inculcar empenho e dedicação, proporcionando-lhes aulas motivadoras. Foi com agrado que na última aula da semana constatei que a turma estava diferente e a gostar das aulas de EF, e que portanto a minha intervenção tinha exercido uma influência positiva na turma.

Capítulo IV - Desporto Escolar

O Desporto Escolar (DE), que é visto como um importante e indispensável instrumento na promoção da saúde, no combate ao insucesso e abandono escolar bem como na integração e inclusão social, ocupa na nossa escola um lugar de destaque uma vez que são muitos os alunos que aderem a estas atividades de complemento curricular.

A instituição conta, assim, com 7 núcleos – Patinagem, Voleibol, Ginástica, Futsal, Ténis de Mesa, Basquetebol e Badmínton, com bastantes alunos a frequentá-los. Deste universo de modalidades só 3 têm a presença e apoio de professores estagiários, são elas a Patinagem, o Voleibol e a Ginástica.

Na 1ª Reunião de Setembro com a professora orientadora de estágio da escola, professora Manuela Jardim, foram apresentadas 2 opções de distribuição destas 3 atividades pelos 3 estagiários. Uma delas dava-nos a opção de cada um de nós treinar, em coadjuvação com o professor responsável, um dos núcleos. A outra trabalharmos juntos no mesmo núcleo. Se optássemos pela 2ª ficaríamos todos com a que é da responsabilidade da professora orientadora de estágio, ou seja, com a Patinagem. Se por outro lado, optássemos pela 1ª poderíamos escolher aquela com a qual nos sentimos mais à vontade e que conhecemos melhor ou aquela que conhecemos pior e aproveitávamos, assim, para aprender mais sobre ela aproveitando o trabalho nesta área para desenvolver e aprofundar os nossos conhecimentos.

Escolhendo a 2ª opção e a modalidade que menos dominamos, estaríamos perante mais uma forma de aproveitar este ano de estágio, único na vida pela situação privilegiada do apoio e ajuda constantes, em todas as tarefas que desempenhamos, para aprender o máximo possível e aumentar o nosso leque de competências.

Depois de uma conversa em grupo, decidimos escolher essa mesma opção e decidi ficar com a patinagem.

O meu papel no Desporto Escolar passa por, em parceria com a professora responsável do núcleo, executar todas as tarefas que lhe estão inerentes – planejar, conduzir, avaliar e acompanhar nas competições inter-escolas.

A construção de um dossier do núcleo de Patinagem, pareceu-me a melhor maneira de manter o meu trabalho organizado. Por isso procedi à sua elaboração. Este, contendo toda a informação necessária a uma boa gestão dos treinos – Regulamento da atividade, dados dos alunos participantes, Projeto de

Acompanhamento do Núcleo (Anexo 25), dados da Avaliação Inicial, planeamentos das sessões de treino, registos de faltas etc.. – mostrou-se, como era de esperar, um instrumento bastante importante.

No que diz respeito ao planeamento e condução dos treinos a competência que me preocupou mais, no início do ano, e que demorei mais tempo a assumir foi a questão do planeamento. Por possuir pouco conhecimento da modalidade no que diz respeito ao treino, optei por deixar que a professora Manuela Jardim, também responsável pelo grupo, planeasse os primeiros treinos enquanto eu estudava a matéria mais a fundo e aprendia com os seus planos e treinos. Considero, contudo, que deixei prolongar, esse período de adaptação e aprendizagem, um pouco mais do que o desejado. Apesar de estar sempre presente nos treinos e de cumprir, a competência da coadjuvação dos treinos, assumindo essa função logo no início do ano, somente a umas semanas do fim do 1º período e por solicitação da professora procedi ao seu planeamento (Anexo 4).

Com o passar do tempo fui ficando cada vez mais autónoma, confiante e confortável no desempenho das minhas funções, conseguindo planear e conduzir treinos. As intervenções junto dos alunos foram ganhando mais qualidade e objetividade. A professora Manuela Jardim teve um importante papel na aprendizagem destas competências, pois sempre me concedeu autonomia total para que conseguisse descobrir a melhor maneira de alcançar os meus sucessos, estando sempre presente para fazer o que fosse necessário para me ajudar.

“A formação deve encontrar processos que permitam procurar individualizar e personalizar a apropriação de experiências de aprendizagem que propõe aos candidatos a professores, permitindo fomentar a emergência de estilos pessoais de olhar e apreender a realidade, os seus desejos, preocupações e problemas pedagógicos, o que implica conceder-lhes o protagonismo em muitas fases do processo de formação.”

Onofre (2003:58)

À semelhança do que acontecia nas aulas de educação física, no fim de cada treino procedia a uma reflexão acerca do que tinha acontecido. Nas autoscopias, optei por registar os aspetos positivos e negativos de cada sessão. Isto com o objetivo de colmatar as falhas, ultrapassando as dificuldades que lhes deram origem, e aperfeiçoar aqueles que foram os aspetos positivos.

As autoscopias serviram também para que no fim da etapa e no momento de elaboração do novo balanço (Anexo 26) pudesse fazer uma análise desses apontamentos, refletindo acerca do benefício e qualidade das estratégias utilizadas,

para melhorar a condução dos treinos e a minha intervenção pedagógica em prol da evolução dos alunos.

No decorrer do 2º Período tive o privilégio de acompanhar o grupo ao “1º Encontro de Perícias e Corridas em Patins” que correu muitíssimo bem e me proporcionou conhecer uma outra face da vida de professor. Foi uma atividade em que gostei imenso de estar presente e que fez com que a relação entre mim e os alunos participantes ficasse mais próxima, e isso refletiu-se nos treinos seguintes.

A minha participação no Desporto Escolar da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, não se limitou ao núcleo de Patinagem. Ao longo do ano tive oportunidade de, acompanhar os núcleos de ginástica e voleibol nos momentos de competição inter-escolas, juntamente com os professores responsáveis, e ainda construí os “Cartões de Atleta” (Anexo 27), que permitiam aos alunos almoçar mais cedo nos dias dos treinos.

Esta participação enriqueceu o meu processo de formação, pois permitiu-me interagir com diferentes alunos em competições de modalidades diferentes fora da escola.

Capítulo V – Coadjuvação da Direção de Turma

“Este gestor pedagógico surge-nos tradicionalmente associado a uma tríplice função: relação com os alunos da turma; relação com os pais/encarregados de educação; relação com os outros professores da turma.”

Virgínio Sá (1996)

Os professores Diretores de Turma são nomeados pela Direção da Escola e assumem-se como o elo de ligação entre alunos-conselho de turma-encarregados de educação. No caso da turma C do 8º Ano, a Diretora de Turma, pelo 2º ano consecutivo é a professora de Ciências Físico-químicas. O professor que ocupa esse cargo assume um papel de “Tutor” da turma. Deve estar sempre em cima do acontecimento e intervir sempre que necessário, sendo o elo de ligação entre os professores do Conselho de Turma e os Encarregados de Educação, e dos primeiros entre si. Também é função do DT fazer chegar aos restantes professores todas as situações merecedoras de resolução.

A função de acompanhamento à Direção de Turma (DT) permite-me, enquanto professora estagiária, um contacto direto e prático com as funções de um DT, sendo portanto uma experiência importantíssima para um futuro professor. Uma vez que o estágio pedagógico tem a duração de apenas um ano, penso que é importantíssimo que tenhamos, enquanto professores estagiários, contacto com toda a realidade com que um dia mais tarde nos iremos deparar. Nessa altura já sem o apoio importantíssimo e indispensável que este ano nos é disponibilizado por parte dos orientadores de estágio e, neste caso em particular, da Diretora de Turma do 8ºC.

A autonomia concedida pela professora que acompanhei no desempenho destas funções, fez com que rapidamente comesse a colocar questões e dar as minhas opiniões. Assim fui tentando aprender o máximo possível sobre este cargo.

Uma das minhas primeiras preocupações foi conhecer um pouco mais e pormenorizadamente o contexto social em que os meus alunos estão inseridos, e tudo aquilo que tem a ver com um lado mais pessoal da vida de cada um deles. Com o intuito de reunir informações que me permitissem conhecer de forma mais aprofundada a turma, apliquei um questionário (elaborado pelo núcleo de estágio). Para além de permitir recolher informações importantes respeitantes à minha disciplina

e às restantes, também serviu para posteriormente elaborar a Caracterização da Turma.

Para além deste instrumento, foi aplicado o teste sociométrico. Este permitiu-me conhecer os meus alunos no que diz respeito ao relacionamento interpessoal. As informações resultantes da aplicação destes 2 instrumentos, foram tratadas e, posteriormente, partilhadas com a DT, uma vez que poderiam ter alguma pertinência para que os professores da turma, em conjunto, encontrassem estratégias de condução/orientação do processo de ensino aprendizagem, que levassem os alunos a atingir os seus objetivos. Estas informações são uma mais-valia no contacto com os alunos pois posso agir em conformidade com a sua realidade.

No desenvolvimento das tarefas da direção de turma – contempladas no Projeto de Acompanhamento (Anexo 28) - principalmente nos momentos de receção dos encarregados de educação, ou através da leitura das mensagens trocadas entre a diretora de turma e o encarregado de educação, através da caderneta do aluno, pude comprovar que, pelo menos nesta turma, existe a preocupação constante em aproximar cada vez mais o encarregado de educação da vida escolar do aluno, e através do trabalho conjunto aumentar o rendimento e sucesso escolar dos alunos.

Na procura de um acompanhamento à DT, tive oportunidade de estar presente em reuniões com Encarregados de Educação. Neste campo, por já o fazer há algum tempo, no âmbito das AEC (atividades de enriquecimento curricular), não senti dificuldades.

Outra função da competência do Diretor de Turma é a disciplina de Formação Cívica.

“A Formação Cívica visa a educação para a cidadania, contribuindo pra a formação de futuros cidadãos responsáveis, críticos, ativos e intervenientes. É fomentada a participação dos alunos na vida da turma, do agrupamento e da comunidade.

Projeto Curricular AEES (2010-2013)

No que a esta diz respeito, e enquanto professora estagiária, propus à DT ser eu a planear e a lecionar. Tais funções representam, para mim, uma importantíssima experiência neste ano de estágio, tendo em conta que é uma função que podemos vir a desempenhar, a par da Direção de Turma, enquanto docentes de uma escola. O facto de termos a oportunidade, como professores estagiários, de o fazer, sempre com um apoio, representa uma mais-valia que devemos aproveitar, bem como agarrar esta

excelente oportunidade para aprender o máximo possível e alargar o nosso portfólio de conhecimentos e competências.

Para o planeamento das aulas desta disciplina (Anexo 29), e uma vez que foi feito pelos 3 estagiários, reunimos com as respetivas DT a fim de saber se já tinham temas escolhidos para abordar nestas aulas ou se essa escolha podia ficar ao nosso critério. Assim, optamos por planear as aulas do 1º Período segundo o tema sugerido pelas professoras, e foi-nos dada autonomia para escolher os temas para os outros 2 períodos.

O tema do 1º Período foi a “Solidariedade”. Aquando do processo de planeamento foram muitas as ideias que nos surgiram. Foi a visita à Casa do Gil, situada nas proximidades da escola, aquela que nos agradou mais, e que acabou por correr muitíssimo bem. Porque esta só podia ocorrer no final do período, perto das férias do Natal, decidimos organizar todo o planeamento de modo a culminar com essa visita.

Durante o 2º Período, foi abordado e desenvolvido o tema “Atividade Física é Saúde”, que pela sua complexidade e sucesso se prolongou até ao fim do ano. Os alunos envolveram-se bastante nas questões abordadas e desenvolvidas nas aulas, procurando o debate e a partilha de conhecimentos com os colegas. Além disso mostraram muita vontade em aprender e saber mais a seu propósito.

“A Formação Cívica deve ser um espaço aberto para o diálogo e ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos, orientada para o desenvolvimento pessoal e participação democrática.”

Projeto Curricular AEES (2010-2013)

Os níveis de empenho, motivação e aprendizagem alcançados pelos alunos, em ambos os temas, foram bastante satisfatórios.

Foi com grande entusiasmo que comecei e terminei o ano como professora da disciplina de formação cívica. A lecionação destas aulas proporcionou-me um contato diferente com os meus alunos. No tratamento de temas importantes como a Solidariedade, a Atividade Física e a Saúde, pude conhecer características dos meus alunos que nas aulas de EF não sobressaíam. Pude também experienciar o que é dar aulas teóricas, dentro de uma sala de aula. É muito gratificante dar aulas a alunos atentos, com vontade de aprender, ainda mais quando nos apercebemos que, passado algum tempo, essa informação ficou retida, e que a utilizam na sua vida.

Capítulo VI - Relação com a Comunidade

O Grupo de Educação Física, do qual faço parte, foi aquele com quem tive o primeiro contato. A relação com todos os professores, que nos acolheram muito bem, foi-se tornando próxima e bastante positiva. O espírito de entreajuda foi uma constante, baseado sempre na, cordialidade, respeito e responsabilidade profissional. O sentido crítico, o espírito de iniciativa e a criatividade individuais foram aparecendo no decorrer do ano, quando ganhei confiança para que tal pudesse acontecer.

Foi nas primeiras Eugeníadas – torneios inter-turmas organizado pelo GEF no final de cada período – onde contribui na divulgação (Anexo 30), preparação e dinamização, que me comecei a sentir mais integrada no grupo. Estas tarefas e trabalho conjunto com os professores fizeram com que passasse a sentir-me mais à vontade para mostrar os meus pontos de vista, bem como para tomar algumas iniciativas.

Outra atividade que contribuiu para que houvesse uma maior interação e relacionamento com os professores do grupo de EF foi a semana de PTI (Professor a Tempo Inteiro). Esta semana proporcionou um maior contato com os professores do grupo, responsáveis pelas turmas que escolhi, devido à necessidade de preparação e planeamento e portanto do conhecimento da turma e alunos com quem iria trabalhar.

A relação com a comunidade escolar, foi sendo construída ao longo do ano. Tentei integrar-me o melhor possível, e para isso procurei frequentar com regularidade a sala dos professores, a sala dos diretores de turma e a cantina da escola. A minha presença nestes locais proporcionou o contato com muitos professores, alunos e funcionários. O meu envolvimento em algumas das tarefas exigidas pelo Estágio – Projeto para a Comunidade, Desporto Escolar, Visitas de Estudo, Semana de Professor a Tempo Inteiro, entre outros - contribuíram para uma melhor inclusão no seio da comunidade educativa. Já integrada, familiarizada e próxima dos diversos elementos da comunidade educativa, o espírito cooperativo e colaborativo revelou-se do bastante agradável e enriquecedor.

Uma das tarefas do estágio que me permitiu ter um contacto mais próximo com a comunidade educativa, principalmente com os professores do Departamento de Expressões, foi a atividade denominada “8 aos 80”. Esta atividade tem uma tradição na escola, há já alguns anos. O seu planeamento (Anexo 31), organização e dinamização fica, desde então, à responsabilidade dos estagiários.

Esta atividade aparece como uma celebração do Dia das Expressões, incluída nas atividades do Plano Anual de Atividades (PAA) da escola com a integração de Encarregados de Educação, Professores, alunos do 2º Ciclo da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, alunos do 4º ano das Escolas do Agrupamento e o grupo “Os Briosos” da Junta de Freguesia de S. João de Brito. A atividade consiste no desenvolvimento de experiências no campo das Expressões Artísticas e Motoras através de um trabalho colaborativo entre os Professores de Educação Física (EF), Educação Visual e Tecnológica (EVT), Educação Musical (EM), Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica (ET). Esta atividade foi bastante exigente em termos de planeamento, organização e execução, pois envolveu muita gente e muito material, mas por ter sido pensada, planeada e preparada com bastante antecedência, houve tempo e oportunidade para resolver todas as adversidades e tornar a atividade um sucesso.

“Os Briosos” assumiram um papel fundamental na transmissão dos bons valores e princípios através de uma interação positiva com os alunos nas atividades propostas. Esta interação promovida pelos Jogos Tradicionais revelou-se importantíssima na passagem das tradições da sociedade e do país preservando a nossa identidade e os nossos costumes mais antigos. Aspetos como o respeito pelo próximo, a amizade, a responsabilidade e a entreaajuda estiveram visivelmente presentes nesta ação, onde os próprios idosos interagiram, aprenderam, beneficiando, também com este fantástico encontro de gerações. A participação dos alunos do 4º ano das escolas do Agrupamento Eugénio dos Santos teve também como objetivo a apresentação da escola aos futuros alunos. Pensamos que a atividade proporcionou uma interessante interação alunos-escola bem como alunos 1º ciclo – alunos 2º ciclo, que já sendo pertencentes à casa lhes foram mostrando os seus “recantos”. Os Encarregados de Educação, Professores convidados e restantes alunos da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (EBES), nomeadamente do 3º ciclo, foram integrados nas diversas equipas onde assumiram a responsabilidade de guiar e orientar os participantes durante toda a ação.

A dinâmica da atividade ditava que metade dos participantes realizava experiências no campo das expressões artísticas e a outra metade no campo das expressões físicas. Assim sendo, foram criadas 22 equipas constituídas por cerca de 12 membros. Cada equipa seria constituída por 4 alunos da EBES (2 do 5º ano e 2 do 6º ano) 6 alunos das escolas do Agrupamento (3 de S. António e 3 de S. Miguel) e 2

responsáveis de equipa, que poderiam ser Encarregados de Educação, Professores ou alunos convidados.

As atividades foram escolhidas de modo a que qualquer escalão etário pudesse participar e de acordo com os objetivos propostos foram, maioritariamente, Jogos Tradicionais. Este ano foi introduzido o Paintball, uma novidade na ação, que como era esperado suscitou grande curiosidade nos participantes e um grande entusiasmo. Esta atividade contrasta um pouco com os restantes Jogos Tradicionais mas também servirá como uma oportunidade a muitos participantes de experienciar uma modalidade alternativa nem sempre acessível a todos. Foi também muito interessante proporcionar aos Idosos a oportunidade de contactar com uma modalidade emergente. Em suma, foram organizadas 11 estações: Corrida das Sacas, Tiro ao alvo, Pião, Macaca, Berlindes, Pés atados, Arco e Gancheta, Às Cegas, Paintball, Salto à Corda e Pinhata.

A organização do material, dos recursos humanos e dos aspetos logísticos, de som e animação foram todos assumidos pelos professores estagiários. Como é possível imaginar o material é bastante vasto e foi necessário um grande esforço para conseguir reuni-lo todo a tempo e horas. É importante realçar o papel fundamental da Junta de Freguesia no nome do Sr. Engenheiro Luís Aires, dos Professores António Cardoso e Maria Augusta Fialho, bem como da D. Ana Maria (chefe das funcionárias), na recolha de todos estes recursos materiais.

Para o sucesso da atividade contribuiu também as reuniões e encontros com os diversos intervenientes de onde se destacam: a reunião com o Grupo de EF onde distribuiu-se os Professores pelas estações (conforme os seus gostos pessoais), as fichas das regras de cada jogo, o mapa de distribuição da atividade e onde foi pedido que se recrutassem mais alguns Professores para serem responsáveis por algumas estações; os contactos e reuniões pessoais com Sr. Engenheiro Luís Aires da Junta de Freguesia de S. João de Brito para convidar “Os Briosos” para a atividade e para reunir e recolher o material requisitado; os contactos e visitas constantes às escolas de 1º Ciclo de modo a transmitir as informações necessárias como convites formais para a ação, divulgação da atividade, distribuição e recolha das autorizações para os Encarregados de Educação (EE), recolha das listas de alunos do 4º ano bem como o fornecimento da distribuição dos alunos participantes pelas respetivas equipas; o trabalho cooperativo e constante com alguns dos professores do Departamento de Expressões, com a Direção e funcionários da escola Eugénio dos Santos, na recolha e organização de todos os materiais necessários à ação; a aprendizagem de

manuseamento dos materiais do som, mesa de mistura, colunas e microfone, com o professor responsável por estes equipamentos, que se mostrou sempre bastante disponível e muito cooperativo.

No dia da ação participaram mais de 226 elementos da comunidade educativa, os jogos e rotações decorreram sem problemas e a atividade começou e acabou dentro do horário estipulado. A manhã de 23 de Março foi marcada por um ambiente festivo, descontraído e de convívio bastante alegre e positivo partilhado por professores das diversas disciplinas e de diversas escolas, encarregados de educação, alunos e funcionários. Algumas das mais-valias da ação deste ano foram a organização dos aspetos logísticos facilitadores e aceleradores dos processos de organização (autocolantes identificadores, fichas orientadoras, constituição das equipas...), as condições de conforto estabelecidas para os participantes (chapéus de Sol, águas, cadeiras...) e a existência de brindes para todos os participantes e de prémios finais para os vencedores.

Esta foi uma das responsabilidades mais exigentes do estágio, mas sem dúvida de que foi das mais gratificantes, principalmente porque os professores estagiários conseguiram deixar um registo muito positivo na comunidade educativa.

O trabalho cooperativo exigido pela atividade “8 aos 80” foi absolutamente fantástico. Existiu uma grande entreatajuda de toda a comunidade educativa que tudo fez para que a atividade fosse um sucesso. Professores, funcionários, alunos, EE e a Junta de Freguesia foram os principais intervenientes desta iniciativa.

Esteve muita gente envolvida na atividade o que exigiu um trabalho de planeamento, coordenação e preparação muito exigentes.

Existiu sempre uma grande disponibilidade de toda a gente e esta atividade serviu para os Estagiários se integrarem ainda mais no seio da escola.

Capítulo VII – Projetos de Investigação-Ação

No âmbito da área 2, Investigação e Inovação Pedagógica, o Guia de Estágio (2011) – (Anexo 32) refere que deve ser realizado na escola um estudo de investigação, seja este sob a forma de análise documental, de estudo de caso ou de estudo experimental. Segundo este documento orientador, o estudo deve ser desenvolvido em articulação com a disciplina de Investigação Educacional, presente no currículo dos professores estagiários no 1º semestre do ano letivo.

Perante estas exigências, e com a ajuda das orientadoras e dos professores da disciplina, começamos a procurar, como núcleo de estágio, um problema no seio do GEF.

Desta forma, e dando resposta aos objetivos da área de Investigação e Inovação Pedagógica, procurámos, como núcleo de estágio, identificar e caracterizar algo que beneficiasse com a nossa intervenção, contribuindo, se possível, para a melhoria da oferta escolar.

Durante esta fase, o trabalho desenvolvido na cadeira de Investigação Educacional (IE) integrante curricular do mestrado, contribuiu de forma indispensável.

Em reunião com o GEF não foi possível identificar um problema iminente que pudéssemos, com o nosso projeto, ajudar a resolver. No entanto um dos professores do grupo falou-nos da vontade que a Fundação Portuguesa de Cardiologia havia vindo a demonstrar em trabalhar com a nossa escola. Surgida essa possibilidade, em primeiro lugar reunimos com o Grupo de Saúde da Escola. Nesta reunião foi diagnosticada a urgência de trabalhar, junto dos alunos, temas como a obesidade e os hábitos de vida saudáveis.

Após a reunião, o núcleo de estágio levou a problemática para ser discutida e a sua pertinência estudada, para as aulas de IE. Os feedbacks dos professores foram bastante positivos, pelo que, agendamos imediatamente reunião com a Fundação, a fim de começarmos a construir o nosso projeto.

A interação com os alunos nos intervalos, aulas de EF e FC – através de um questionário construído pelos estagiários e membros da fundação - provaram, mais uma vez, que seria um ótimo tema passa desenvolver junto dos alunos da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos. Estes revelaram na generalidade, desconhecer o contributo da Atividade Física (AF) para a sua saúde.

Em reunião com a professora orientadora, ficou decidido e aprovado que o problema identificado seria a falta de conhecimento que os alunos da escola possuem acerca do contributo da AF para a sua saúde. A pertinência do problema identificado foi justificada com argumentos validados por bibliografia e fontes de investigação credíveis. O passo seguinte seria o correspondente à justificação de um caminho metodológico e foi na elaboração desse processo que sentimos, enquanto núcleo de estágio algumas dificuldades. Não conseguíamos progredir com o problema e foi neste momento que a professora orientadora e os professores da disciplina de Investigação Educacional (IE) assumiram um importante papel, no sentido em que nos ajudaram a ultrapassar algumas dificuldades que nos impediam de progredir no projeto. Nas aulas de IE foram trabalhados conceitos relacionados com a definição de uma pergunta de partida e com a procura de um problema. A noção de que o problema deve ser sentido pela comunidade escolar levar-nos-ia à análise documental e às entrevistas exploratórias com os professores e alunos. Para a definição da pergunta de partida procurámos respeitar os princípios de qualidade apontados por Quivy & Campenhoudt (2003), bibliografia essa, que foi indicada pela professora orientadora e que se revelou fundamental neste processo. Com o auxílio dos professores de IE foi possível compreender como escolher e encontrar um quadro teórico de referências válido, identificando e justificando as decisões de ordem metodológica, nomeadamente os processos de recolha e tratamento de informação de modo a caracterizar, justificar e validar o nosso problema. O projeto elaborado na cadeira de IE (Anexo 5) sintetizou as linhas orientadoras do trabalho a efetuar na escola, validou o trabalho já efetuado e calendarizou as intervenções a realizar. Assim o problema identificado foi caracterizado com uma panóplia de referências teóricas e bibliográficas válidas e a metodologia a ser aplicada provou-se pertinente e adequada.

O projeto (Anexo 6) – denominado “Atividade Física é Saúde” - visa incluir a participação do Grupo de Saúde da escola e a parceria com a Fundação Portuguesa de Cardiologia. Este divide-se em três fases – a primeira relacionada com a aplicação d um questionário que visasse perceber qual a importância que os alunos atribuem à AF relacionada com a saúde, a segunda, onde os alunos participaram numa visita de estudo ao desafio do coração – realizado todos os anos no estádio universitário de lisboa - e num peddypaper (Anexo 33) na nossa escola, a terceira onde foi, novamente, aplicado o questionário da 1ª fase, de modo a verificar se houve alterações no conhecimento dos alunos. O questionário (Anexo 34) foi revisto e

validado por médicos cardiologistas, que colaboram junto da Fundação Portuguesa de Cardiologia, e pelos Professores de IE.

O Peddypaper, além de servir de avaliação dos conhecimentos transmitidos aos alunos durante a abordagem do tema, foi aproveitado para integrar a atividade correspondente à área 3 do estágio - Participação na Escola. Visto a atividade ir ao encontro dos objetivos de ambas as áreas, aproveitamos para rentabilizá-la o mais possível no conjunto muito vasto de tarefas que temos assumido neste momento de formação pedagógica. Ou seja, a ação de educação para a saúde está associada ao projeto de investigação do Estágio Pedagógico. Foi realizada uma articulação com o projecto da área 2 e assim, a actividade do Peddy Paper serviu para ambas as competências. Como a actividade está, também, relacionada com promoção da AF e adopção de estilos de vida saudáveis, faz todo o sentido que esta seja transversal às duas áreas, visto esta ser uma necessidade da instituição escolar.

O projeto “Atividade Física é Saúde” também inclui um lado investigacional. Neste sentido procuramos avaliar a diferença que existe entre uma formação intensa para o tema da Saúde e uma formação apenas ocasional. Para isso os alunos foram divididos em dois grupos – o Grupo Intenso era constituído pelas turmas dos estagiários, onde tivemos a oportunidade de lecionar a disciplina de FC. Estes alunos foram sujeitos a uma formação mais intensa durante o ano através desta disciplina e tiveram presença obrigatória tanto na Visita de Estudo como no Peddypaper. O Grupo de Controlo, representado por todas as restantes turmas da escola não teve qualquer formação específica para a Saúde nas aulas de FC nem participou nos dois momentos de sensibilização.

Os processos de recolha dos dados exigiram uma forte colaboração da comunidade educativa. O trabalho colaborativo foi bastante positivo havendo sempre um esforço na aplicação e transmissão dos conteúdos necessários para o sucesso do Projeto.

Nos tempos que correm nota-se um maior grau de sedentarismo da população e uma redução significativa da atividade física. Segundo Pate (2000), a obesidade e o sedentarismo estão normalmente interligados e representam a principal causa de doenças cardiovasculares.

Esta situação é preocupante quando nos apercebemos que, com o passar dos anos, a Europa tem-se tornado num continente cada vez menos ativo (Riddoch, 2004) com Portugal em destaque negativo. Os nossos jovens apresentam níveis de prática

bastante preocupantes, segundo Matos (2005), cerca de 50% da população jovem portuguesa realiza apenas uma ou duas vezes por semana AF moderada.

Estudos realizados por Shephard (1995) e Pacheco (2004) revelam e comprovam que a aprendizagem precoce sobre a AF é benéfica e previne comportamentos de risco. Tendo a AF (Atividade Física) uma relação direta com a questão da Saúde, e sendo um problema tão recorrente na nossa sociedade, penso que a escolha do tema foi bastante apropriada.

Na realização das atividades, um dos aspetos que mais nos preocupou, foi a sua pertinência junto da comunidade educativa onde nos encontrávamos inseridos. O estudo realizado foi fundamental para que esse aspeto estivesse presente. Todos os temas desenvolvidos foram identificados como necessidades formativas dos alunos da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos e conseguimos cumprir com todos os desafios que nos foram propostos, tanto pelo Grupo de Saúde como pelo GEF - corrigimos algumas atitudes e conhecimentos relacionados com a alimentação saudável e colaborámos com a Fundação Portuguesa de Cardiologia.

Outro aspeto importante na realização das atividades foi o fato de termos cumprido as linhas orientadoras de educação do Projeto Educativo da instituição. Realizámos atividades e ações de educação para a saúde, e combatemos uma lacuna identificada pelos órgãos de gestão. O Projeto Educativo (Anexo 1) revela a necessidade de ocorrer uma formação mais especializada de temáticas específicas e o núcleo de estágio garantiu esse aspeto no planeamento da disciplina de FC e na realização da visita de estudo ao “Desafio do Coração”.

Os resultados da nossa intervenção junto dos alunos foram bastante positivos pois os alunos revelaram alteração no seu conhecimento relacionado com a prática de AF e da adoção de uma alimentação saudável. Os resultados revelaram que existiu uma alteração positiva e significativa da população que esteve envolvida em todas as atividades realizadas. Este foi o aspeto mais importante e relevante das nossas atividades. Com este conseguimos, não só, sensibilizar os alunos, mas também mudar o seu conhecimento acerca das temáticas abordadas.

Foi bastante interessante participar na fase de reconhecimento e análise das necessidades da escola. Este trabalho permitiu que o núcleo de estágio se integrasse, mais na comunidade educativa e que pudesse conhecer melhor os processos e dinâmicas de organização e gestão da escola. O facto de termos tido a oportunidade de fazer a diferença junto da comunidade, tem um peso bastante positivo e importante na avaliação deste projeto. Com estas atividades conseguimos, de fato, criar

alterações positivas, não só nos alunos, mas também em diversos agentes educativos. Todo o trabalho desenvolvido provou-nos que o papel do professor na escola deverá exceder a função de planear e conduzir aulas. Para realmente nos considerarmos bons Professores, devemos assumir um papel ativo na resposta às necessidades da comunidade educativa.

Capítulo VIII – Dinâmica de Trabalho do Núcleo de Estágio da EBES

Serve o presente capítulo para caracterizar a dinâmica de trabalho do núcleo de estágio da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos. Esta representa sem dúvida um dos aspetos que diferencia, bastante, o nosso núcleo das outras escolas.

A presença dos professores estagiários em todas as aulas lecionadas pela professora orientadora representa, para mim, um benefício no processo de formação do professor estagiário. A observação das aulas de uma professora mais experiente permite ampliar o nosso conhecimento, no sentido em que observamos métodos e estratégias de ensino que poderemos colocar em prática nas nossas aulas. Este ano de estágio serve para isso mesmo, para começarmos a descobrir a escola e a nós mesmos, no sentido em que nos estamos a formar como professores e portanto a encontrar os nossos próprios métodos de ensino, construindo o nosso próprio perfil de professor. Estratégias de organização da aula, dos alunos e das tarefas, estratégias de combate à indisciplina, de prevenção de comportamentos indesejados, bem como de motivação dos alunos, e ainda técnicas de aplicação da avaliação formativa, representam alguns dos aspetos fundamentais para a evolução da qualidade da minha intervenção.

No final de todas as aulas o núcleo de estágio reunia, com o intuito de debater quais os aspetos positivos e negativos da aula, sempre acompanhados por estratégias que nos permitissem aperfeiçoar as nossas ações. O Guia de Estágio propõe que se realizem filmagens das aulas dos estagiários, com o objetivo de estes terem um contato mais direto com a sua intervenção. Este processo foi prolongado no tempo, pois era algo que enriquecia as nossas reuniões, e portanto a discussão em grupo, como ponto de partida à melhoria da nossa capacidade reflexiva e alteração de comportamentos.

Estas reuniões tiveram um papel vital para que a nossa intervenção pedagógica fosse, progressivamente, melhorada.

Outro fator diferenciador está relacionado com as nossas tarefas tanto na coadjuvação da direção de turma como do desporto escolar. Nestas duas áreas não nos limitamos a cumprir ocasionalmente algumas tarefas mas assumimos e concretizamos, desde o início do ano até ao final deste todas as funções a eles

inerentes. Essas funções estão relacionadas com o planeamento, condução e avaliação das aulas de formação cívica, na hora de atendimento aos encarregados de educação, bem como todas as restantes tarefas da responsabilidade da DT – preparação e condução de reuniões de conselho de turma e de encarregados de educação, registo de faltas, redação de atas, entre outras. Para isso contamos sempre com a presença e apoio dos professores responsáveis.

No início do ano o grupo de estágio construiu uma ficha de observação (Anexo 35) para ser utilizada pelos estagiários nas aulas dos seus pares. Para mim, revelou-se bastante útil pois além de me ajudar a preparar as reuniões pós aula e a organizar o meu discurso, serviu também de apoio às minhas autoscopias. Para que isso fosse possível tomava notas na no fim de cada aula, para que, depois, em casa fosse mais fácil fazer uma observação mais rica do meu desempenho nessa aula.

As observações que os meus colegas faziam acerca da minha aula, com o preenchimento dessa ficha, para além de os ajudar na reflexão que fazíamos aquando da reunião de núcleo, estão também contempladas nas minhas autoscopias, tornando-as mais ricas e completas, algo que facilita e ajuda bastante na definição dos meus objetivos enquanto professora estagiária, para as aulas seguintes.

Se no início do ano e ao longo da 1ª etapa de formação, a observação das aulas dos meus colegas e da professora orientadora representaram uma mais-valia e uma enorme ajuda na adaptação à escola. No decorrer da 2ª etapa a grande ajuda à minha evolução, enquanto professora, foi o fato de ter tido a oportunidade de lecionar as aulas da turma que era da responsabilidade do professor estagiário que desistiu (7ºC), a que já me referi de forma mais minuciosa e analítica, anteriormente neste documento.

O empenho e a dedicação com que cumpro o ano de estágio, fazem com que possa afirmar que o trabalho por mim desenvolvido foi bastante satisfatório, obviamente com erros, falhas e alguns dias menos bons. Devemos aceitar as críticas, pois estas representam ofertas de ajuda daqueles que têm muito mais experiência e que se mostram determinados a fazer parte da minha aprendizagem, do meu desenvolvimento e constante superação. Assim sempre existiu interação e interajuda positiva e essencial para que o processo ensino-aprendizagem fosse fluido e enriquecedor.

A crescente falta de interesse, motivação e espírito de grupo demonstrada por um dos estagiários, fez com que o balanço positivo feito ao trabalho entre os elementos do núcleo de estágio no decorrer das primeiras semanas de aulas,

começasse a ter, no meu entender, uma avaliação negativa, uma vez que apenas 2 dos estagiários continuavam a manifestar interesse em trabalharem em conjunto, fazendo esforços para que tal fosse possível, sempre com a convicção da importância e benefícios dessa parceria.

No início da 2ª etapa de formação esse membro do núcleo optou, por razões pessoais, pelo abandono do estágio. Esta situação fez com que a dinâmica de trabalho entre os estagiários se tornasse melhor e que todas as tarefas desenvolvidas, apesar de mais exigentes se tornassem muitíssimo mais organizadas.

Para concluir, toda a dinâmica de trabalho do núcleo de estágio da Escola Básica Eugénio dos Santos, proporcionou muitos momentos de aprendizagem efetiva e foi fundamental para que pudesse começar a crescer como professora de Educação Física.

Conclusão

Este exercício de reflexão apresenta-se como algo bastante importante. Com a construção deste documento pude refletir com mais cuidado e tempo acerca do meu estágio. Naquelas que foram as principais dificuldades sentidas, pensando e delineando estratégias para combater essas dificuldades e superar o meu desempenho naquelas que até correram bem mas podem correr bastante melhor.

Penso que exercícios como este são benéficos numa altura de aprendizagem efetiva no terreno e com a oportunidade de vivenciar aquilo de que ouvimos falar durante tanto tempo na faculdade.

Apesar de já possuir experiência no trabalho com crianças, tanto em campos de férias, como no treino desportivo, e particularmente na lecionação de Atividade Física e Desportiva, nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) no 1º Ciclo. Este ano e num contexto diferente, pois os alunos já são muito mais velhos, com outras características, pude enriquecer os meus conhecimentos. A realidade da escola é muito mais interessante do que a perceção que temos dela na faculdade. É muito mais desafiante e motivadora. O trabalho, embora muitos digam que não, é valorizado e reconhecido, principalmente por aqueles para os quais trabalhamos e que o demonstram com a sua aprendizagem, evolução e ultrapassagem sucessiva das suas dificuldades.

No decorrer da 2ª etapa de formação fui dando conta de que o fato de estar simultaneamente a dar aulas na AEC e estagiar, e contendo esse trabalho, além da coordenação do grupo de AEC, a lecionação das aulas de Atividade Física e Desportiva, fez com que tenha sentido uma grande evolução no desenvolvimento da minha atividade, como professora das AEC. Isto acontece porque me preocupo em continuar, na parte da tarde, o esforço em aplicar os ensinamentos que me são transmitidos de manhã.

Se por um lado o estatuto de trabalhador estudante traz alguns inconvenientes no ano de estágio - menos tempo de dedicação e maior cansaço acumulado - que se traduz num grande esforço, nomeadamente no fim do dia e aos fins-de-semana, no sentido de desempenhar as tarefas de estágio com a maior qualidade possível, pode também trazer grandes benefícios, como o de ter mais oportunidades de aplicar aquilo que aprendemos. Nóvoa (1992) considera o treino indispensável ao aperfeiçoamento e evolução, então quanto mais treinarmos mais hipóteses temos de evoluir.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M^a Manuela C L. (2009). A Formação inicial de professores e os problemas da prática pedagógica: estudo da relação entre as perceções dos professores estagiários, dos professores cooperantes e dos supervisores. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação na especialidade de Supervisão Pedagógica) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Anacleto, Francis N. A. (2008). Do pensar ao planear: análise das decisões pré-interativas de planeamento de professores de educação física em estágio curricular supervisionado. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Supervisão Pedagógica) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Araújo, F. (2011). *Avaliação Educacional (Slides da Cadeira de Avaliação Educacional)*. Documento não publicado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz-Quebrada, Portugal.
- Bento, J.O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa
- Carreiro da Costa, F., et al (1993). Expectativas de Exercício Profissional em Estudantes de EF. *Boletim SPEF*, 1/8, 35-43
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*. 10/11, 135-151.
- Carvalho, L., Comédias, J., Jacinto, J. & Mira, J. (2001). *Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento)*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Domingos, A., et al. (1981). *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. Livros Horizonte, Lisboa
- Machado, J. (2011), Pais que educam, Professores que amam. Editora Marcador

- Mosston, M. & Ashworth, S. (2008). *Teaching physical education*. First online edition.
- Nóvoa, A.S, (1992). Formação de Professores e Profissão Docente. In A. Nóvoa coord., Os Professores e a sua Formação. Lisboa: D. Quixote.
- Onofre, M. (1996). *Educação Física sem Avaliação: Uma Perversão Consciente?* in Boletim SPEF, Nº13 Inverno de 1996
- Revista Portuguesa de Educação, 1996, 9 (1), 139-162 O Diretor de Turma na Escola Portuguesa: Da Grandiloquência dos Discursos ao Vazio de Poderes.
- Quivy, R. e Van Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva, Lisboa, 1998

Documentos Consultados

- Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2011). *Projeto Curricular de Escola*. (2011). Documento não publicado, Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, Lisboa, Portugal.
- Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2011). *Projeto Educativo de Escola* (2010-2013). Documento não publicado, Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, Lisboa, Portugal.
- Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2011). *Plano Anual de Atividades*. (2011). Documento não publicado, Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, Lisboa, Portugal.
- Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos (2011). *Regulamento Interno*. (2011). Documento não publicado, Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos, Lisboa, Portugal.
- Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (2011). *Guia de Estágio do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Documento não publicado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Cruz-Quebrada, Portugal.
- Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2009). *Programa do Desporto Escolar para 2009-2013*. Desporto Escolar.
- Ministério da Educação, D.G.I.D.C. (2010). *Documento de apoio à organização curricular e programas de Educação Física: Metas de aprendizagem de Educação Física*. Instituto de Educação, Universidade de Lisboa.